

**COSTURAS E ARREMATAS: MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS E
A CERZIDURA DA MEMÓRIA¹**

Bruna Marques Ramos*

RESUMO: Este ensaio foi construído a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica. Desenvolvida no trimestre final do ano de 2020, ela buscou fazer uma análise antropológica, por intermédio de uma específica imagem, disparadora de memórias entrelaçadas, dos relatos de vida de quatro mulheres negras trabalhadoras da mesma família - sendo uma delas a própria autora. Foram utilizados conceitos como memória, identidade e história de vida para falar sobre as trajetórias destas operárias da indústria de vestuário. Neste texto, rememorarei histórias de vidas, por meio de fotografias e relatos orais. Pretendo trazer à baila elementos sobre as identidades construídas por meio de passagens de trabalho e da vida familiar. Para tanto, tangenciarei as temáticas de gênero, raça e classe, entendidas como essenciais para a interpretação dessas trajetórias e, quem sabe, para a compreensão das problemáticas sociais que envolvem esses temas. Espero que o leitor destas linhas possa reviver essas memórias comigo e que suas próprias memórias sejam despertadas através das histórias de vidas aqui compartilhadas.

Palavras chaves: mulheres negras; trabalho; memória e identidade.

ABSTRACT: This essay was built from a Scientific Initiation research. Developed in the final quarter of 2020, it sought to carry out an anthropological analysis, through a specific image, triggering intertwined memories, of the life stories of four black working women from the same family - one of them being the author herself. Concepts such as memory, identity and life history were used to talk about the trajectories of these workers in the clothing industry. In this text, I will recall life stories, through photographs and oral reports. I intend to bring up elements about the identities constructed through work and family life passages. Therefore, I will touch on gender, race and class themes, understood as essential for the interpretation of these trajectories and, who knows, for the understanding of the social problems that involve these themes. I hope that the reader of these lines can relive these memories with me and that their own memories are awakened from the life stories shared here.

Keywords: black women; work; memory and identity.

¹ Agradeço à minha professora, Alline Torres Dias da Cruz que foi minha orientadora na pesquisa de Iniciação à Docência, cujo título era “Antropologia Audiovisual e produção artística negra e indígena: estéticas, conceitos e mediação didática na educação básica”. Um exemplo de mulher negra, pesquisadora, professora, mãe e artista, que me abriu os caminhos da Antropologia, da Etnografia e das práticas docentes. Agradeço ao professor Marcelo Araújo, que me deu um “suporte arrematante” importantíssimo para a construção desse texto. Ele me inspirou ao longo desse início de graduação e não me deixou desistir, em nenhum momento, de escrever este ensaio e de seguir forte na luta pela minha formação e na cruzada por uma educação brasileira emancipatória e decolonial.

* Graduanda no curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Colégio Pedro II e costureira.

Introdução

Porque fatos importantes são memórias, não são somente lembranças. Memórias são lembranças que possuem significado para além, e se demonstra isso com emoção, pela forma que se fala, se gesticula. (*Maria Luiza*, minha filha de 15 anos)



28 de outubro de 1988 – acervo pessoal

Vemos, nesta imagem, dez mulheres. Trata-se de um espaço laboral: uma sala de costura. À direita, evidencia-se uma máquina industrial, modelo galoneira. Ela serve para colocar viés, elástico e para fazer bainha. Ao fundo, numa prateleira, há uma pilha de roupas; ao lado dela, amontoadas, percebemos caixas desmontadas de papelão, cuja função é embalar as peças de vestuário. A iluminação é forte, típica deste espaço. Assim, é possível constatar que estamos diante de um cenário que caracteriza uma fábrica. Nela, são confeccionadas peças de vestuário à base de jeans. A data em que a foto original foi produzida é 28 de outubro de 1988 (um ano e três meses após o nascimento da autora deste texto). A mulher negra posicionada no canto direito, de mãos cruzadas, é minha mãe; ao centro, à direita, de braço esticado e de relógio, está minha prima. Esta, contava com 16 anos; àquela, 31.

Após esta descrição, deixo, momentânea e calculadamente, a imagem que abre-alas deste texto. Antes, é preciso dizer por quais caminhos passei até o tema que desejo comunicar. Realizei, enquanto graduanda em Ciências Sociais, uma pesquisa acadêmica em Antropologia da Imagem, no âmbito da Iniciação à Docência. Fui orientada a buscar, em meu álbum de

família, fotografias que pudessem servir de material etnográfico. Todo processo foi gratificante, porque a cada passo que avançava, mais eu me envolvia e descobria coisas sobre mim, sobre minha família e sobre ser uma antropóloga.

Para a construção da pesquisa, li textos de Cadernos de Antropologia e Imagem (como o de Elizabeth Edwards, de 1996), tradicional periódico da Editora da UERJ, e destaque, aqui, um trecho da autora que me fez refletir: “A fotografia, pela própria natureza, é ‘do’ passado. Contudo, também é do presente. Ela preserva um fragmento do passado que é transportado em aparente totalidade para o presente”. Parece que, ao revisitar meu álbum de família, eu fiz também uma viagem ao passado, e a Antropologia Visual foi a chave da máquina do tempo.

Uma das metas iniciais da pesquisa que encetou a construção desse texto era uma produção audiovisual. Esta deveria aliar conceitos antropológicos e criações estéticas, com vistas a servir para mediação no ensino básico, seria condizente com a realidade dos estudantes e despertaria a identificação necessária para o entendimento crítico dos conceitos e conteúdos de Sociologia. Não tivemos tempo hábil, eu e minha orientadora, para atingir os objetivos iniciais, devido ao curto prazo e à pandemia. Entretanto, penamos em retomá-lo assim que possível, a fim de construir um produto que sirva à nossa hipótese inicial, a de que existe, dentro do Ensino Básico, uma demanda por produção de conteúdo diverso em estéticas de linguagens e de perspectivas atuais.

Agora, irei reconectar este texto à imagem fotográfica inicialmente apresentada. Esse ensaio é uma reflexão sobre a análise antropológica da imagem e dos relatos de vida de quatro mulheres trabalhadoras: minha mãe, minhas duas primas e eu. Estas mulheres construíram suas identidades por meio da prática profissional e dos cuidados com a família. Dessas quatro mulheres, somente duas aparecem na imagem acima.

Meu objetivo é apontar reflexos do trabalho em fábricas de costura na construção da identidade das referidas mulheres. Durante a pesquisa, elas tiveram suas trajetórias analisadas. Pretendo, assim, tangenciar os eixos temáticos mulher, trabalho e identidade racial. O tema essencial abordado, tanto neste texto como da pesquisa como um todo, é o das mulheres negras trabalhadoras das fábricas de costura. Inspirei-me, para tanto, em minha história de vida e na das mulheres da minha família, para falar de memória e de identidade, fenômenos construídos de forma individual e coletiva. Eles se entrelaçam e se refletem um no outro, agindo subjetiva e objetivamente no indivíduo e no grupo a que pertencemos. As memórias, aqui, não são só

minhas, elas são coletivas. Foram alinhavadas como base para a formação das identidades das mulheres negras. Contarei, então, as histórias delas.

1. Por que utilizo o termo “memória”?

Primeiramente, preciso dizer que eu tenho fascínio por palavras, suas origens e o que elas significam e despertam em mim. Quando eu pensei no título do ensaio, quase pratiquei neologismo, à semelhança de Conceição Evaristo, que cunhou o termo “escrevivências”. Para essa escritora, as palavras “escrever” e “vivência” não davam conta, se separadas, do conceito que transbordava em suas obras: as vidas, as trajetórias de mulheres negras que ela não poderia se furtar em contar por meio de seus textos. Foi uma necessidade dar sentido e expressar o que eu queria, de verdade. Por isso, tomei a liberdade de acrescentar aos sentidos as minhas percepções de significância/significação.

Nesse contexto, a escolha da palavra certa é vital para que outras pessoas possam lembrar comigo. Para mim, “lembrar” é viver as próprias memórias, mas também as de outras pessoas. Essas “outras” são parte das mulheres da minha família, sobretudo minha mãe, a qual eu desejo sempre evocar (e não somente lembrar). Desejo, assim, que quem porventura leia estas linhas, reviva estas memórias comigo e se sinta atravessada/o por memórias próprias.

Busquei para a construção desse ensaio, me aprofundar mais na área da Antropologia da Imagem, e nessa busca encontrei a antropóloga Lisabete Coradini que afirma, em seus textos, que a imagem é mais que um registro ou uma ilustração, e que pode ser uma ferramenta para a compreensão de um grupo social a partir das vivências, que são transmitidas através das imagens e das histórias (orais) que surgem. Para tanto, nos conta Coradini (2014, p. 243),

A meu ver, dois caminhos podem ser traçados diante da diversidade de temas e preocupações que constituem o que denominamos, em termos gerais, como “Antropologia da Imagem”. Um deles é o da Antropologia da imagem propriamente dita, ou do visual, que implica o estudo e a interpretação de qualquer elemento imagético, culturalmente produzido de acordo com as teorias e metodologias da Antropologia. O outro é o que chamarei, aqui, de “Antropologia Visual”, o que significa o uso e a inserção das imagens na coleta de dados, na transmissão e na produção do conhecimento antropológico.

Esta passagem permite ativar, para os fins deste texto, outros dois conceitos, ambos enraizados nas teorias e fazeres das Ciências Sociais: o conceito de memória e o conceito de identidade. Tais foram, na esfera das histórias de vida, abordados por Michel Pollak. Num texto seminal de 1992, *Memória e Identidade Social*, estes conceitos serviram de base para que eu entendesse que as memórias e a(s) identidade(s), minha e de minhas primas, foram “herdadas” de minha mãe, assim como, as delas foram, em parte, “herdadas” por/de sua tia Vilma e sua tia Marilta. Para o autor, ambos os conceitos são construções mutuamente ligadas. Sendo assim, precisam ser analisados conjuntamente. Pollak conclui que nós:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no ato da reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.206).

O autor também fala muito sobre a pluralidade na história. Isso é instigante porque aprendi que a história era única, cronológica e linear.² A história, em sua versão oral (como área de pesquisa), apesar de ter sido validada há algum tempo por homens brancos, como o europeu Pollak, é muito familiar para nós, mulheres amefricanas.³ O que me foi dito pelas mulheres mais velhas de minha família, sobretudo minha mãe, fala, ou oraliza, muito sobre nós. Entretanto, fala muito das inúmeras mulheres que tinham o mesmo tipo de trabalho que nós tivemos, com pequenas diferenças de uma geração para outra.

As palavras de Lélia Gonzalez (1983) batem em minha cabeça. E o fazem como o pulsar de uma máquina industrial: “O fato é que, enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais”. Nunca deixarei de ser costureira, e agora, como graduanda, é um dever revelar todo o significado do que é, para mim, ser uma mulher negra e periférica⁴, e apontar como isso está costurado à formação da sociedade brasileira.

Para Pollak, memória não é somente um fenômeno individual: ele é íntimo e construído de forma relacional entre o indivíduo e o coletivo. Também não é algo do passado, é do presente

² Isso sempre me incomodou muito, pois quem, afinal, decide qual é a história oficial? A história do mundo tem sido contada por homens brancos, europeus e norte-americanos, e por muito tempo só era reconhecido o que estava escrito - e isso exclui totalmente as culturas ameríndia e africana, as quais passam a história de forma oralizada.

³ Termo cunhado por Lélia Gonzalez (ao invés de usar o termo “afro americano”, muito utilizado pelos intelectuais e ativistas negros norte-americanos), este termo posiciona essa mulher negra, nascida no continente americano.

⁴ Categoria social ligada a territórios não centrais de uma cidade, de um bairro, estado ou país.

e mutável. Ela é criada coletivamente e se manifesta individualmente. Para mim, a memória que construímos também pode ser coletiva. A biografia de minha mãe, que perpassa esse texto, foi toda construída assim. O que faz com que ela permaneça viva. Alguém só morre quando é esquecida, e não nos esquecemos de Ivonilda.

2. Mulheres negras e o trabalho

Trago, para compor os relatos das experiências de trabalho como arrematadeiras em fábricas de costura, a contribuição de duas irmãs: Isabel Cristina Marques de Souza Andrade e Denise Marques de Souza. Ambas são minhas primas mais velhas, e conviveram muito com minha mãe.

O relato de Isabel foi despertado pela imagem do início do texto, mas também de outras do álbum de nossa família. Denise não aparece na imagem. Entretanto, assim como Denise, e durante mais tempo (chegando a ter cargo de supervisão), exerceu função idêntica à da irmã mais velha. Trago também o relato de uma entrevista de emprego para vaga de secretária, pela qual minha mãe passou. Nesta, ela foi, aparentemente por ser uma mulher negra, preterida.

A decisão de tocar nesses assuntos tão delicados como raça e gênero para falar de trabalho, foi muito difícil. Isso porque, apesar de ser uma mulher negra trabalhadora, fazer parte do Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus (entidade representativa dos estudantes da Licenciatura em Ciências Sociais do Colégio Pedro II), ser estudante de Ciências Sociais e estar viva, no ano de 2021, com acesso aos intensos (porém, por vezes excessivamente rasos) debates que ocorrem nas redes sociais, televisão, sites etc., não é tarefa fácil.

Para tanto, precisarei separar um pouco tais histórias, posto que eu e minhas primas nos percebemos, e somos lidas em diversos ambientes, como negras (temos, contudo, fenótipos diferentes; logo, somos tratadas de formas distintas). Isso foi, e é, importante para o nosso entendimento e percepção do que é ser uma mulher negra, bem como para a forma como nos autodeclarámos, no quesito “raça”, e de como a sociedade reafirma, silenciosamente, sobre como devemos nos comportar, enquanto mulheres.

Ao perguntar para Isabel, de 45 anos, “em relação à cor e raça, como você se vê?”, ela me responde: *Em relação à minha raça, eu me amo. Me amo de paixão! Sou apaixonada por mim!* Denise, de 41 anos, respondeu à mesma pergunta assim: “*Sou preta, negra!*” Reforço que ambas são irmãs, filhas do mesmo pai e da mesma mãe, que são negros, de “pele escura”. A

diferença entre elas é fenotípica: Isabel tem pele mais clara, e Denise, mais escura. Ambas possuem cabelos crespos, com pequenas variações, e nariz e boca muito parecidos. É perceptível que são irmãs, mas de cores diferentes. Isso tem peso na forma como uma pessoa se vê e se percebe no mundo.

Tanto assim que, quando perguntei para elas - as entrevistas foram separadas, mas as perguntas foram idênticas - se já tinham passado por alguma situação de preconceito, ou por algum constrangimento no ambiente de trabalho (por exemplo, em alguma das fábricas nas quais trabalharam), Isabel não respondeu: pulou as perguntas. Já Denise, respondeu de “bate pronto”: *“Ah, já passei por várias situações de preconceito. De a pessoa me olhar de cima a baixo, de ‘torcer’ o nariz, de fazer caras e bocas. Ah, já sofri sim”*.

Minha mãe não falava desses temas. Dentre as histórias que ela me contou, existe a de uma entrevista de emprego para a vaga de secretária. Esta deixou uma marca profunda em sua trajetória pessoal. A entrevista fora como uma pisadura em sua identidade, encarcerando, em uma gaveta, seu sonho de deixar de trabalhar numa profissão com carga horária pesada e de status reduzido. Ela contou que estava muito bem vestida, falou de forma educada, apresentou seu certificado de Curso Científico em Contabilidade e do curso de Datilografia. O entrevistador, contudo, pediu para ver sua carteira de trabalho. Com o documento em mãos, ele percebeu que havia muitos carimbos de fábricas de costura. Assim, ele disse a seguinte frase: *“Por que você não continua como costureira? Combina mais com você, com a sua cor.”*

Quando ouvi essa história, me indignei. Mas não sabia explicar o porquê. Com o tempo, essa memória ficou adormecida em mim até eu conhecer os textos de Lélia Gonzalez e entender toda essa “transa” de racismo, trabalho e machismo:

Aquele papo do “exige-se boa aparência”, dos anúncios de empregos, a gente pode traduzir por: “negra não serve”. Secretária, recepcionista de grandes empresas, balconista de butique elegante, comissária de bordo etc. e tal são profissões que exigem contato com o tal do público “exigente” (leia-se: racista). Afinal de contas, para a cabeça desse “público”, a trabalhadora negra tem que ficar “no seu lugar”: ocultada, invisível, “na cozinha”. Como considera que a negra é incapaz, inferior, não pode aceitar que ela exerça profissões “mais elevadas”, “mais dignas” (ou seja: profissões para as quais só as mulheres brancas são capazes). E estamos falando de profissões consideradas “femininas” por esse mesmo “público” (o que também revela seu machismo) (GONZALEZ, 1982).

Depois desse episódio, ela nunca mais foi procurar emprego em escritório. Mais que isso, aceitou a imposição travestida de sugestão feita por aquele homem. Ele não a conhecia,

mas estava pleno de suficiente arrogância para mostrar à minha mãe qual deveria ser o lugar dela no mundo. Porque ela era uma mulher negra e operária. Algo imutável, fato consumado, e ponto final.

Nas entrevistas, fiz, como informei acima, as mesmas perguntas para as duas irmãs, a fim de refletir sobre suas respostas e de buscar semelhanças e diferenças entre suas histórias. Uma das questões que fiz à minhas primas foi: *Qual a importância do trabalho na vida de uma pessoa, e na vida de uma mulher?* Para esta questão, elas responderam de forma diferente: uma de forma mais objetiva, a outra, mais romântica. Porém, a meu ver, deram basicamente a mesma resposta:

A importância do trabalho na vida de uma pessoa é que a pessoa realiza suas conquistas, seus sonhos, seus objetivos. E a mulher, quando ela trabalha fora, ela fica independente, e consegue ajudar financeiramente em casa. (Denise)

A mulher que trabalha, que cria seus filhos, entra na sociedade. E ela entra com autoridade, né? Ela tem que ser muito, muito, muito forte! Porque não é mole trabalhar, criar seus filhos e ainda ser chefe de família, assim como eu fui. Me orgulho muito disso: de ter criado meus filhos trabalhando. Me arrependi muito de não ter aprendido a costurar. Um dos meus sonhos também era ser enfermeira (o que também não deu, né?!?), ser professora (também não deu)... Mas eu tomo conta de crianças e me considero uma professora. Uma excelente professora! (Isabel)

O trabalho possui uma dimensão descomunal na construção das identidades. Ele funciona como uma espécie de bússola. Ele orienta os caminhos da classe trabalhadora, gerando, ao mesmo tempo, desgostos, dores, privações, encantamentos e vínculos afetivos no exercício laboral.

Não é mera coincidência que minha mãe, minhas primas e eu tenhamos tido o mesmo tipo de emprego. Nossas histórias se repetem, direta ou indiretamente, de forma cíclica. Porém, na verdade, elas se constroem, sempre, de uma forma nova, com diferentes significados, os quais geram visões distintas para cada uma.

Em seguida, realizei a pergunta: *Como foi trabalhar em fábricas de costura?* Isabel, que é mais velha, respondeu de forma diferente, se comparada, à Denise. Não dizendo diretamente se gostava ou não, descreveu, com detalhes, como era sua função na época:

Naquele tempo era melhor, porque tinha uma profissão, que era aprendiz de costureira, e entrava com 14 anos de idade. Aí, começava a arrematar, a

colocar linha na máquina... (que foi na Zarkos, onde você trabalhou). Eu fui trabalhar em São João [de Meriti, município da chamada Baixada Fluminense], com a sua mãe. Lá, eu fiquei pouco tempo, porque, logo depois, sua mãe ficou grávida de você. Nessa foto, eu devia ter uns 16 anos. Eu era muito agarrada com a sua mãe. Então, eu “sujei a minha carteira” e fui embora, pra poder trabalhar no mesmo lugar que ela. (Isabel)

Já Denise pensou um pouco, mas foi direta e não detalhou sua função. Entretanto, falou das relações de trabalho:

Trabalhar em fábrica de costura, eu gostei! Porque é um trabalho de produção. Você trabalha com outras pessoas, cada um com a sua produção, o seu pensamento. (Denise)

Percebo que o impacto do modelo de produção fordista⁵ ressoou em ambas. Mas as falas, algo diferentes, demonstram que, para Isabel, foi mais simples e superficial; já em Denise, foi mais profunda, interferindo na sua subjetividade. Ela lidou por mais tempo com o termo “dar produção”, e ficou introjetado nela, em sua maneira de se relacionar com as pessoas no trabalho. Isso é perceptível, quando ela conclui a sua resposta: *São pessoas produtivas, com aquele pensamento.*

O meu primeiro emprego foi como auxiliar de costura e trabalhava na Zarkos, antiga e muito conhecida fábrica no ramo em Duque de Caxias. Muitas meninas da região buscavam emprego lá - inclusive, minha prima Isabel foi uma delas, só que quase duas décadas antes de mim. Lá, ela, a princípio, aprenderia a profissão, mas acabou, depois, tendo uma função bem parecida com a minha: auxiliar das costureiras mais antigas. No trecho a seguir ela demonstra isso, quando lhe perguntei se ela sabia costurar:

Sei muito pouco, e tem muito tempo que não me sento numa máquina. Eu nunca fiz uma roupa. Eu pregava bolsos, fazia pences...A minha tia me ensinou. Na verdade, eu não sei nada. Eu me arrependi muito de não ter aprendido a costurar. Talvez, se eu tivesse ficado lá [na Zarkos], teria aprendido a costurar. Teria uma profissão. Porque lá eles ensinavam, e era muito bom. Eu é que não aprendia direito, não entendia coisas simples. (Isabel)

Perguntei à Denise se ela sabia costurar e, caso a resposta fosse negativa, se ela se arrependia de não ter aprendido no tempo em que trabalhou em fábricas de lingerie:

⁵ Refiro-me, aqui, aos sistemas de linha de produção e gestão idealizados em 1913, pelo empresário estadunidense Henry Ford, autor do livro “Minha filosofia e indústria”. Ford foi o fundador da Ford Motor Company.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 28, 2º sem. 2021, p. 11-24
ISSN: 1983-0076

Não sei costurar... Eu sinto não ter aprendido a costurar. Eu sinto falta dessa parte... Às vezes, eu... assim, ah né... Montar uma roupa, uma peça de lingerie... Eu tenho essa curiosidade, mas na época eu não tinha não. (Denise)

Os diversos cargos e nomenclaturas que fazem parte de um chão de fábrica de costura são formas de invisibilizar o papel da costureira na indústria da moda. Também são ferramentas maléficas, porque alienam as trabalhadoras de seus trabalhos, influenciando na construção de suas identidades.

A forma fragmentada de se fazer cada peça, onde cada mulher faz uma parte da mesma peça, faz com que a produção da fábrica seja maior e faz com que as arrematadeiras, overloquistas, retistas, auxiliares de costureiras e passadeiras, não se sintam criadoras de roupas, mas sim operadoras de máquinas e ferramentas.

Eu, ao trabalhar em fábricas de costura, me sentia uma peça fora da engrenagem. Minha relação com a costura é amalgamada pela minha relação com a minha mãe. Então, acredito que por mais que esse trabalho seja desumanizado, ele está sempre repleto de memórias vivas de minha mãe, fazendo com que eu tenha o meu jeito particular de perceber o ato de costurar. Minhas primas também demonstram respeito pela profissão e se arrependem de não terem aprendido esse fazer laboral.

3. Evocando Ivonilda

Ivonilda Marques Ramos nasceu em 1957, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Aprendeu a costurar com sua tia Marilta, quando ainda era criança. Esse fato é algo muito comum nas histórias das mulheres até hoje, sobretudo as da classe trabalhadora. Antes, para ela, a costura era um conhecimento ancestral, passado da mulher mais velha para a mais nova. Depois, quando entrou no mercado de trabalho, passou a ser um ofício, uma técnica fragmentada, mecânica e nem um pouco intelectual. Sendo assim, se tornou um peso, e não era o que ela queria para si.

Trabalhava durante o dia e fazia um curso noturno de Ciências Contábeis. Concluiu o chamado Segundo Grau (hoje Ensino Médio), numa época em que muitas mulheres negras não conseguiam. Trabalhou muito, sempre pensando que, quando se formasse, teria um emprego melhor. Por isso, buscava vagas de emprego em escritórios de contabilidade. Em um destes momentos de entrevistas, ocorreu o caso de discriminação racial, mencionado anteriormente.

Para (re)construir as memórias de minha mãe, as quais ela mesma não pode me passar, pude contar com informações de que só tive conhecimento ao entrevistar a sua prima-irmã, Rosania Marques. Esta foi fundamental para construir esse relato de vida de minha mãe⁶. Através dela pude rememorar coisas simples, mas muito particulares de uma época, de um lugar e de uma Ivonilda que eu não conhecia.

Sua mãe gostava muito de costura e a irmã da minha mãe era costureira. Então, ela me ensinava a costurar e ensinava a sua mãe também. Nós fazíamos roupinhas de bonecas, cada uma mais linda que a outra. Aí, ela foi lá pra [minha] casa morar com a gente.

Rosania me falou também sobre como era a minha mãe, para além de ser costureira. Detalhes do jeito dela de ser mulher:

Sua mãe era uma mulher alegre, positiva. Ela tinha uma tristeza interior, mas enfim não. Trabalhava como ninguém, não tinha medo de trabalho... Ela tinha uns cabelos muito bonitos. Ela fazia a unha... Sempre bem arrumada, sempre bem vestida, não tinha vergonha de nada, não tinha medo de nada. A sua mãe era uma mulher linda... Mas, aí, ela saiu de casa. Voltou pra [Duque de] Caxias, porque o sonho da sua mãe era casar. Entendeu? Ela queria construir uma casa, uma família. Aí, ela conheceu o seu pai, e foi construir a família dela. (Rosania)

Fiquei muito emocionada em conversar, mesmo que por telefone, com a prima que minha mãe tanto falava. Ela acabou trazendo, além das informações que faltavam, a questão da diferenciação entre costureira de fábrica e costureira de casa. Para mim, ser uma costureira industrial ou uma mulher que costura em casa como fonte de renda, ou eventualmente uma mulher que faz arte, se trata, em qualquer caso, do uso de engenhosidade para construir acolhimento para si e para os outros, levando parte de sua identidade e de suas memórias.

Quando eu era criança, não via diferença entre costureira e estilista, mas quando fui para o mercado de trabalho me apercebi do quanto essas classificações existem para delimitar quem vai ter reconhecimento e quem vai ser só mão de obra. Contudo, com mais uma ressalva, a diferenciação de quem pode se tornar uma Coco Chanel⁷ e quem será a “tia costureira” do bairro: a raça e a classe a que elas pertencem.

⁶ Elas eram inseparáveis: cresceram e moraram juntas em alguns momentos da vida, mas se perderam uma da outra quando cada uma se casou, e a prima foi morar distante.

⁷ Estilista francesa muito famosa no século 20. Criadora do tailleur, que é um conjunto de blazer com saia. O modelo representou uma verdadeira revolução na moda, quebrando o tabu de que mulheres não usam roupas do universo masculino.

Minha mãe exerceu a mesma profissão até exatamente o momento de sua morte. Depois de anos trabalhando em casa, prestando serviços para pequenas confecções, popularmente alcunhadas de “fábrica de fundo de quintal”, Ivonilda faleceu aos 51 anos. Desligou a máquina de costura, apoiou a cabeça e partiu.

4. Uma costureira antropóloga ou uma antropóloga costureira?

O que me levou a fazer Ciências Sociais é um misto do que eu aprendi em casa, com minha mãe, sobre os problemas que nossa família vivenciava, e o universo que eu encontrei quando entrei para o Ensino Médio em uma escola pública. Convivi com garotas de realidades bem parecidas com a minha. Muitas, inclusive, buscavam emprego na mesma fábrica em que eu e a minha prima Isabel trabalhávamos.

Na biblioteca dessa escola, li um livro sobre as diversas graduações que existiam na época: havia informações sobre o tempo de duração e sobre espaços de atuação. Após isso, senti que devia fazer Ciências Sociais. Passaram-se 16 anos desde o fim da minha Formação Geral até o meu ingresso na graduação. Sinto-me realizada.

Sobre ser costureira, eu trabalhei durante quase quatro anos em fábricas e em pequenas confecções. Depois que tive minha filha, fiquei um tempo desempregada. Em seguida, um longo período trabalhando no comércio. Caminho muito comum para mulheres como eu, quando são jovens, sem medo de trabalhar e com uma aparência aceitável (por não serem “muito negras”). Foi em um desses empregos em que a minha gerente - uma mulher negra - me disse que me contratara porque eu tinha “cara de quem trabalha”. Passados alguns anos, trabalhei com atendimento ao cliente em uma loja de telefonia. Durante este tempo, eu não mais costurei, só retornando quando tornei a ficar desempregada.

Baseei-me nos relatos das pessoas mencionadas para construir uma narrativa sensível sobre elas e sobre a minha própria vida. Afinal, penso que seria impossível separar essas histórias de vida. A convivência com os relatos delas me parecia algo tão comum que eu realmente não imaginava que seria cabível explorá-los em um texto acadêmico.

O seguinte texto, do sociólogo Pierre Bourdieu (2006, p.183), explica bem como algo aparentemente corriqueiro pode tomar, aos poucos, espaço nas Ciências Humanas:

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar de histórias de vidas é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.

Desejo cerzir essas histórias nesse trabalho e ver as similaridades na produção das identidades sociais destas mulheres: elas, enfim, são construídas a partir das linhas da memória que as ligam. Assim, eu pude, através do conceito de memória, vislumbrar a mim mesma como uma costureira antropóloga.

Considerações finais

Quando comecei a pesquisa, ainda em 2020, tínhamos uma intenção, e ao longo do processo esta foi se transformando, criando amplitudes que não caberiam no tempo e espaço que tínhamos para realizar. Durante a construção deste texto, retomei os materiais e pesquisei mais para analisar a imagem e os relatos de vidas de mulheres da minha família.

Ainda que superficialmente, as temáticas aqui abordadas são recortes sociais importantes demais para serem ignorados e complexos demais para serem desenrolados por completo. Porém, busquei Lélia Gonzáles que propôs uma visão afro-latino-americana do feminismo, para servir de base para minha reflexão.

Considerando os conceitos apresentados pelos outros autores de que me vali, analisei as histórias de vidas de minhas primas, mulheres que admiro muito e que acreditava ter já aprendido tudo que poderia com elas. No entanto, percebi, através dessa pesquisa, que escavar memórias é fazer Antropologia, e que seria uma forma didática e bonita de manter minha mãe viva (não somente em nossas memórias, mas também neste registro). Desta forma, construí costuras, entre minha graduação e a profissão que aprendi com minha mãe. Posso dizer que fui, neste ensaio, uma antropóloga costureira.

Referências Bibliográficas:

BORDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da história oral*, 8ª. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CORADINI, Lisabete. “O ensino de antropologia visual na graduação”. In: FERRAZ, Ana Lúcia Camargo e MENDONÇA, João Martinho (orgs.). “Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa”; Brasília: ABA, 2014.

EDWARDS, Elizabeth “Cadernos de Antropologia e Imagem”, nº. 2, EduUERJ, 1996.

GONZALEZ, Lélia. “E a trabalhadora negra, cumé que fica?”. *Mulherio*, ano 2, n. 7, p. 9, maio/jun. 1982.

_____. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs, 1983 (Ciências Sociais Hoje, n. 2)

POLLACK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.